

## Um mundo em transformação e a extinção de línguas

Isabela Franco Rodrigues<sup>1</sup>  
(orientadora: Profa. Magda D. Zimmer Huf<sup>2</sup>)

**Resumo:** O presente artigo objetiva alertar sobre o fatal crescimento do número de línguas extintas. Expõe a importância da diversidade linguística na constituição do indivíduo e da cultura de um povo; a maneira como uma língua é extinta e os principais fatores que influenciam esse processo no mundo atual, como a supremacia linguística. Ademais, dados estatísticos são apresentados, além de possíveis medidas que visam a impedir o desenvolvimento do fenômeno.

**Palavras Chave:** Língua; Extinção; Diversidade Linguística.

**Abstract:** This article, based on bibliographical research, aims to warn about the growth of the number of extinct languages. It exposes the importance of linguistic diversity in the constitution of the individual and the culture of a people; the way a language is extinguished and the main factors influencing this process in today's world, such as linguistic supremacy. Moreover, statistical data will be presented, in addition to possible measures aimed at preventing the development of the phenomenon.

**Keywords:** language; extinction; linguistic diversity.

### Introdução

Diversos processos e eventos como a globalização, por exemplo, têm aniquilado milhares de línguas e a sociedade assiste indiferente a esses fenômenos, sem reconhecer a importância que cada língua possui em sua existência e uso. O desaparecimento de uma língua ocasiona a perda de características únicas: quando uma língua morre, com ela morre também uma visão de mundo única, morre uma identidade. Da mesma maneira, há a perda de uma grande carga cultural, religiosa, de conhecimento científico, da eficiência da comunicação, de fontes históricas. “Toda língua são rastros de velho mistério” (Rosa, 1970, p. 98), as línguas são marcas que carregam consigo tudo aquilo que, sem elas, não seria possível ser transmitido.

Mesmo assim, o mundo não consegue entender a significância da relação entre língua e identidade do ser humano. Nesse campo, há muitas coisas implícitas e é difícil perceber aquilo que não se pode sentir fisicamente. Muito se esconde, como desenvolveu o antigo filósofo Heráclito, assunto comentado por Lauand (2019):

O velho Heráclito, que – *avant la lettre* – deu alguns preciosos princípios de, diríamos hoje, metodologia de pesquisa, dizia que a natureza gosta de se esconder. A *physis* e a realidade humana gostam de se esconder. E só podemos pesquisar sobre o que está oculto. Lembremos que especialmente a realidade humana não se deixa apanhar facilmente: está escondida e resiste a se manifestar.

A relevância de coisas concretas e táteis é mais compreensível do que a de coisas abstratas e intangíveis. O que é exposto ainda por Lauand (2019):

---

<sup>1</sup> Aluna do 3º médio A do Colégio Luterano São Paulo.

<sup>2</sup> Professora de Língua Portuguesa e TCC do Colégio Luterano São Paulo.

Se eu quero saber o que é o sal, eu pego o sal, levo-o a um laboratório e, após alguns procedimentos técnicos de análise, identifico que há tanto de sódio, tanto de cloro etc. Se eu quero examinar uma mosca, ponho-a no microscópio; se quero saber do planeta Marte, valho-me de um telescópio ou envio uma sonda etc. Já a realidade humana, tantas vezes, não se deixa observar diretamente: como “apanhar” o que é a gratidão, o que é o amor, o que é o homem...?

Entender a realidade do que compõe nossa existência não é tarefa fácil. Temos acesso direto à realidade natural, mas não temos acesso direto à realidade humana. Pode-se dizer que por olhos humanos é mais fácil entender a importância da biodiversidade do que a importância da diversidade linguística e cultural; um homicídio é mais compreensível que um linguicídio.

Sendo assim, este trabalho procura mostrar a importância e o papel da linguagem na expressão da realidade humana; expor a circunstância em que se encontram as línguas em risco de extinção, apontando isso como um problema da atualidade. Além do mais, procura mostrar como ocorre a extinção de uma língua, um linguicídio; discutir a influência de eventos externos no processo de desaparecimento das línguas; apresentar dados estatísticos sobre o assunto e apontar medidas que podem ser tomadas para evitar que línguas sejam extintas.

A metodologia deste trabalho baseia-se fundamentalmente em pesquisa indireta, por meio de investigação bibliográfica.

### **Linguagem: meio de expressão da realidade**

Como já citado, a realidade se esconde. Utilizando outro pensamento de Heráclito, “o caminho que sobe e o que desce são um mesmo e único caminho”, indica que um meio de manifestar o profundo da realidade seria a linguagem, que teria surgido para expressá-la e deveria ser pensada para revelá-la, como afirma Lauand (2016):

É do próprio Heráclito a afirmação de que a natureza gosta de se esconder, e podemos acrescentar: a realidade humana gosta de se esconder. Daí que precisemos de um método (palavra que etimologicamente remete a “caminho”), para subir até esse tesouro que desceu e está Escondido.

Segundo Brito (2015), “é absolutamente impensável conceber uma língua sem que seja levada em consideração a sua grande importância, enquanto entidade que deve ser construída com sua utilização cotidiana, por meio de sujeitos e nas interações destes”. Porém é nesse ponto que a maioria dos seres humanos perdem a noção da real importância da linguagem: no cotidiano. É contraditório, pois durante o processo de construção e aplicação da língua, perde-se a consciência de sua importância. As preocupações e os acontecimentos corriqueiros roubam a compreensão da realidade. Mas não é o fim da linha, ainda há esperança, que pode ser ainda assim a própria linguagem, de acordo com Lauand (2016), “mas pode acontecer que (...) de repente, soframos um abalo que nos revela, como numa iluminação que “desce”, com extraordinária nitidez, algo de profundo a respeito da realidade humana: um insight filosófico”.

A linguagem é a chave para acessar o desconhecido e conhecer a realidade. Os conceitos armazenados nas palavras constroem significados que juntam os detalhes da realidade em uma totalidade, um todo significativo. Conforme Skutnabb-Kangas (2019):

A verbalização nos ajuda a lembrar e reproduzir significado e, assim, dar sentido à realidade. Através do processo de socialização verbal aprendemos muito da ética de nossa cultura. Juntamente com as palavras para as coisas e fenômenos aprendemos as conotações, as associações, as emoções e os julgamentos de valor de nossa cultura. A definição e a construção de nosso mundo ecossocial, incluindo-se identidade de grupo e visão de mundo, estão refletidas na língua e a refletem. Tudo isso por meio da língua.

O elemento crucial que influencia todos os aspectos da vida humana, pelo mundo inteiro, é a língua. Através dela nos comunicamos, refletimos sobre o que nos cerca, nossa realidade. Segundo Skutnabb-Kangas (2019), “a língua é central em nossa conceptualização do mundo e para interpretar, entender e transformá-lo. A língua nos apoia no ordenamento de nosso mundo e libera energia para outras tarefas”. Tudo o que acontece no mundo; nossas circunstâncias sociais e históricas; todo tipo de transformação e o desenvolvimento das relações que estabelecemos, acontece através da língua que leva a modos distintos de transformar, entender e interpretar o mundo.

A língua é um meio, um instrumento e, simultaneamente, é produto de interações humanas; a língua está intimamente conectada aos seus falantes, interlocutores, em concordância com Geraldi (1991, apud BRITO, 2015):

a) a língua (no sentido sociolinguístico do termo) não está de antemão pronta, dada como um sistema de que o sujeito se apropria para usá-la segundo suas necessidades específicas do momento da interação, mas que o próprio processo interlocutivo, na atividade da linguagem a cada vez a (re) constrói; b) os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como “produto” deste mesmo processo. Neste sentido, o sujeito é social já que a linguagem não é o trabalho de um artesão, mas trabalho social e histórico seu e dos outros e é para os outros e com os outros que ela se constitui.

### **Extinção de línguas**

Extinção pode ser definida como extermínio, desaparecimento ou supressão. A extinção de línguas se intensificou desde os primórdios dos períodos coloniais, porém não se limitou somente ao passado. O processo de extinção de línguas é muito mais atual do que realmente aparenta ser e está progredindo de maneira significativa. Segundo Brito (2015), “a extinção das línguas é um fato cada vez mais presente no mundo atual. Segundo cálculos feitos pelos especialistas, grande parte dos idiomas hoje correntemente em uso deixará de o ser dentro de uma a quatro gerações”.

A perda de uma língua acontece não somente a partir de um único fator, mas a partir de uma série de fatores que podem colaborar entre si para tal resultado. Seria, então, consequência de um conjunto de acontecimentos históricos, sociológicos, políticos e culturais – naturais ou causados por um agente. Diversas são as situações que podem provocar o desaparecimento de uma língua: dificuldade de acesso, pesquisa e estudo; repressão política sobre falantes pelo uso de sua língua materna, que acaba por ser abandonada e não é mais transmitida; ou quando uma língua deixa de ser falada no dia a dia de uma comunidade e passa a ser usada somente nos rituais, festas e danças (SILVA, 2002, apud BRITO, 2015). Além disso, mudanças impostas à cultura tradicional, perda de territórios e, de maneira geral, por consequência do fato de que línguas maiores sufocam as minoritárias.

Para melhor compreensão, é importante ressaltar que além da extinção de uma língua, há outro termo relacionado, porém com significado diferente, o linguicídio (genocídio linguístico). De acordo com Skutnabb-Kangas (2019):

O conceito de “morte de língua” não carrega consigo necessariamente um agente causador, mas é visto como resultado natural, inevitável de mudança social e “modernização”, o que leva ao surgimento de um mundo unificado com uma língua mundial (...) No contexto deste paradigma, a morte de língua é interpretada como o resultado de mudança voluntária de língua por cada falante.

Já com relação ao linguicídio, tem-se uma noção diferente, ainda segundo Skutnabb-Kangas (2019), “linguicídio, ao contrário, implica agente envolvido na causa da morte de língua. Os agentes podem ser ativos (tentando matar uma língua) ou passivos (deixando uma língua morrer ou coexistência sem apoio)”. De uma forma ou de outra, a morte de uma língua ou um linguicídio, ambos são resultado direto ou indireto de fenômenos mundiais que provocam mudanças tecnológicas, sociais, políticas e econômicas.

### **Influência de eventos externos na extinção das línguas**

Assim como a língua depende de seus falantes, e seu desenvolvimento depende de acontecimentos externos, a extinção de línguas se dá da mesma maneira. Eventos externos detêm um imponente controle sobre o desenvolvimento desse tipo de extinção. A globalização é um dos maiores. Não se trata de um momento isolado na história, mas sim de um gradativo processo que teve um início e evolui com o passar dos anos, conforme Harvey (2010, apud GIRAUD, 2015):

As transformações de ordem financeira, econômica, política, cultural e social conhecidas pelo termo globalização têm promovido, sobretudo, ao longo dos últimos quarenta anos, mudanças profundas nas relações sociais, que têm como características mais marcantes uma reorganização espacial e temporal e uma crescente interconexão mundial.

A globalização vem se desenvolvendo há muito tempo, desde o período das Grandes Navegações, porém o termo passou a ser usado somente mais tarde e obteve maior destaque no contexto da Guerra Fria, em 1980. Segundo Held e McGrew (2001, apud GIRAUD, 2015)

O conceito de globalização a que somos expostos na atualidade tem sua origem no trabalho de intelectuais do século XIX e início do século XX. Entretanto, o termo somente começou a ser efetivamente empregado no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, tendo sido largamente popularizado na década de 80.

O mundo que nós conhecemos hoje é construído sobre a globalização, seu desenvolvimento alcançou e influenciou as mais diversas áreas que constituem a estrutura da sociedade, da vida humana. Distâncias foram encurtadas; a comunicação aproximada e mais acessível; as tecnologias desenvolvidas; tudo isso é fruto da globalização. Apresentam-se, então, dois lados de uma mesma moeda: a globalização

traz numerosos benefícios para a humanidade, mas malefícios também. O ponto forte da globalização é a unificação, que leva à uniformização, à padronização, provocando o aumento na progressão do desaparecimento das línguas, por exemplo.

Essa característica marcante da globalização, a unificação do mundo através de padrões estabelecidos, induz as pessoas a segui-los e aplicá-los em seu dia a dia. De acordo com Sene e Moreira (2012, apud GONÇALVES *et al*, 2016) a globalização

Consiste em uniformizar o mundo deixando-o cada vez mais parecido, ocasionando uma certa padronização da cultura entre os diferentes povos. Ou seja, uma das consequências da globalização é unificar o mundo em um só sistema, o chamado: Sistema-Mundo, que consiste, por exemplo, em fazer uma pessoa dos países do sul do hemisfério ter padrões culturais semelhantes aos de uma pessoa do hemisfério Norte.

Dessa maneira, através da padronização – que acaba com a diversidade cultural –, a “globalização começou a deixar idiomas esquecidos e foi crescendo com mais frequência e velocidade do que o normal, fazendo os povos largarem suas origens e buscarem se adequar à língua tradicional” (GONÇALVES *et al*, 2016).

Além disso, outra característica da globalização é o favorecimento da supremacia de determinadas línguas maiores em detrimento das menores. Como o processo baseia-se no capitalismo, muitos de seus elementos, como a linguagem, o fazem também: se há predomínio de nações e países sobre a economia e sobre as influências, conseqüentemente haverá sobre a língua. Como exemplo atual, podemos citar o claro domínio da língua inglesa em todo o mundo. Por conseguinte, tem-se um produto de uma trajetória histórica de conflitos e conquistas de potências sobre povos menores, inevitavelmente, isso aponta para a existência de línguas maiores e mais abrangentes, que sufocam línguas menores e concentradas em regiões específicas.

### **Supremacia linguística**

Múltiplos são os fatores que influenciam o desenvolvimento ou o desaparecimento das línguas, como citado anteriormente. Movimentos de colonização ou de migração são grandes exemplos de como as circunstâncias e as relações sociais contribuem para a existência de línguas “maiores” – superiores, dominantes, majoritárias – sobre línguas “menores” – inferiores, subalternas, minoritárias. A supremacia linguística remanesce como marca histórica presente até os dias atuais. Nesses casos, povos que abandonaram seus países de origem foram forçados a se adaptar ao meio e realizar novas trocas culturais com os demais grupos. Por consequência, os elementos que constituem a cultura da nação passaram a sofrer alterações, e a linguagem em específico talvez tenha sido a mais afetada, uma vez que há um elo entre o uso da língua pelos falantes e a estrutura social em questão.

Baseando-se no mesmo cenário de contato linguístico, imigração e colonização, além das trocas, das alterações e interferências linguísticas, de uma forma ou outra, há a dominação de um povo sobre o outro, em concordância com Grinevald (2010, apud GOMES, 2015):

Esse tipo de contato linguístico ocorre, muitas vezes, entre uma língua oficial e majoritária e línguas com um número relativamente baixo de falantes – línguas étnicas, línguas regionais, línguas de imigrantes, etc. Grande parte dessas línguas não possui tradição escrita e muitas ainda sequer foram descritas. Trata-se muitas vezes de populações

marginalizadas pertencentes a comunidades linguísticas frequentemente dispersas cujas línguas possuem baixo prestígio social na sociedade mais ampla em que estão inseridas.

Em diversos momentos históricos evidencia-se essa dominação; é o caso, por exemplo, da colonização das tribos africanas em que a situação de multiculturalismo e multilinguismo gerou conflitos. Por questão de força e poder, uma vez que os colonizadores, conquistadores exógenos, detentores do poder político, militar e econômico, delimitam artificialmente para o Estado uma região que abrange territórios de diversos povos e línguas, haverá uma relação de subordinação das línguas e supressão de direitos linguísticos, segundo Ponso (2017). Cria-se, então, um ambiente social de tensão entre os diferentes grupos que se encontram no local, e em busca do poder, um povo (uma língua) sobrepõe-se a outro, por diversos modos: por questão de adaptação; por convivência - em que a influência da maioria recai sobre a minoria; e principalmente por repressão, em concordância com Obeng (2004, apud PONSO, 2017):

De uma perspectiva cultural e política, a reunião de diversos grupos etnolinguísticos dentro de um só Estado leva à tensão sociopolítica e grupal, a prejuízos e legislações injustas, que tentam proteger a maioria e fazer a minoria vulnerável. A pressão da minoria pela maioria, os grupos étnicos majoritários obliterando a existência das minorias até a total assimilação, pressões para a sobrevivência individual e do grupo foram outras das consequências dos novos estados criados pelos colonialistas.

Diversos são os modelos que exemplificam esse modo de repressão, não é somente um caso isolado das tribos africanas, esteve (e está) presente no contexto dos povos nativos da América do Norte; das tribos nativas da Oceania; dos países da América Latina, incluindo o Brasil, em que incontáveis línguas e culturas indígenas foram forçadas ao esquecimento.

Os momentos históricos anteriormente descritos colaboraram com o desenvolvimento da globalização e a ampliação dos seus efeitos, a partir da coerção do que diferia dos predominantes, provocou conflitos que resultaram no domínio e na padronização cultural. Ademais, como um complemento ou uma consequência, focando no âmbito socioeconômico, de acordo com Gonçalves *et al.* (2016), no princípio a globalização foi usada como uma estratégia que causou grandes “fluxos” que priorizavam os países com maior infraestrutura, gerando um desequilíbrio social. Intensifica-se a globalização, intensifica-se a desigualdade social, sendo o campo de direitos humanos colocado em segundo plano.

### **Estatísticas**

De acordo com Romero (2015, apud GONÇALVES *et al.*, 2016), “estamos no meio da maior extinção de idiomas que a Terra já viu”, milhares de línguas já estiveram presentes ao redor do globo, que hoje já não existem mais. Vive-se um quadro extremo, que é revelado pelos números, segundo Gonçalves *et al.* (2016):

Estamos vivenciando uma era de extinções linguísticas em massa: se entre todas as línguas conhecidas, 630 desapareceram no decorrer da história da humanidade, só nas últimas quatro décadas foram cerca de 140 línguas que deixaram de existir, ou seja, quase 25% das mortes de

línguas ocorreram nos últimos quarenta anos, o que corresponde a menos de 0,33% do tempo histórico desde o final do último período glacial (aproximadamente 10.000 a.c.).

Na atualidade, 7 mil línguas são faladas, porém aproximadamente 1/3 delas está ameaçado de extinção, uma vez que possuem menos de 1000 falantes, segundo a UNESCO. A partir do mapa elaborado pelo *Ethnologue*, um recurso que une todo tipo de informação sobre as mais variadas línguas ao redor do mundo, das 7117 línguas conhecidas e faladas atualmente, as que estão à beira do desaparecimento são 129 na África; 374 nas Américas; 201 na Ásia; 52 na Europa e 226 na Oceania. Lamentavelmente, todos esses números ainda não contam com milhares de línguas que estão entrando em risco de extinção.

Ao trazermos a perspectiva para mais perto de nossa realidade, percebemos o quanto o assunto é vigente: em nosso país, 21% das 150 línguas aqui faladas apresentam um alto grau de perigo de extinção em futuro próximo por causa do baixo número de falantes e da falta de transmissão (MOORE e GALUCIO, 2016 apud PADOVANI, MIRANDA e BARROS, 2019). Infelizmente, os grupos que concentram a maior diversidade linguística são os menores e os que mais possuem línguas ameaçadas de extinção, o que é provado pelo documento *Language Vitality and Endangerment*, publicado pelo grupo especialista em línguas ameaçadas da UNESCO (2003), que afirma que aproximadamente 97% da população mundial fala cerca de 4% das línguas do mundo, ou, inversamente, 96% das mais de 6.000 línguas do mundo são faladas por apenas 3% da população do planeta. Segundo Gomes (2015), “essa estatística nos leva a deduzir que a maior parte da diversidade linguística está sob a guarda de comunidades minoritárias que, em geral, sofrem pressão de línguas majoritárias, de sociedades com alto poder político e econômico”.

Como maior exemplo, temos as comunidades indígenas: a partir de um censo, foram identificadas 305 etnias a partir das pessoas que se declararam ou se consideraram indígenas e 249 línguas foram contabilizadas tanto nas áreas urbanas quanto rurais localizadas fora das terras indígenas (IBGE, 2010). “A redução do número de línguas indígenas é um processo devastador e violento que se perpetua até os dias de hoje” (PADOVANI, MIRANDA e BARROS, 2019).

### **Medidas contra a extinção das línguas**

Apesar de parecer uma questão irreversível, a extinção de línguas não o é; línguas podem ser resgatadas, podem ser tratadas, podem retornar ao uso, se houver recursos que tornem isso possível. Uma vez que uma das principais causas da morte de uma língua é a não transmissão dela, permanecendo oralmente com uma última pessoa antes de desaparecer por completo, não podendo ser encontrada em registro algum, a descrição e a documentação da língua são de suma importância. Conforme Woodbury (2011, apud PADOVANI, MIRANDA e BARROS, 2019) “a documentação linguística tem como objetivo: a criação, anotação, preservação e divulgação de registros transparentes de uma língua”.

Para que o conhecimento de uma língua seja perpetuado, o processo de documentação necessita ser impulsionado, para que aspectos linguísticos utilizados em diferentes práticas discursivas - como narrativas orais, expressões e canções - possam ser registrados e eventualmente consultados, revitalizando uma língua. Segundo Gomes (2015), “Não se pode negligenciar a importância e a necessidade de se descrever e registrar línguas minoritárias em vias de desaparecimento. Qualquer estudo sobre uma língua em extinção já é uma contribuição para sua preservação.”

É importante ressaltar que a documentação linguística, de acordo com Padovani, Miranda e Barros (2019):

Não é apenas uma área de interesse da Linguística, mas também de outras áreas como Arqueologia, Antropologia e História. Desse modo, compreendemos que a documentação linguística é, por natureza, multidisciplinar, e, como observa Woodbury (2011), baseia-se nos conceitos e técnicas tanto da linguística, quanto da Etnografia, da Psicologia, da Ciência da Computação etc.

Posto que não foca apenas na revitalização da língua, também contribui para a reconstrução histórica, social e ideológica relacionada à manutenção das identidades culturais. De tal modo, a contribuição do trabalho de documentação e descrição pode levar para o contexto de ensino da língua não somente seu sistema, mas seus fatores de variação e seus contextos de uso, para que alcancem o objetivo, a funcionalidade e a ampliação desses contextos no cotidiano dos falantes (PADOVANI, MIRANDA e BARROS, 2019).

Os avanços na tecnologia e na comunicação podem ser úteis também no avanço da documentação, de maneira que “à medida que os projetos de documentação linguística são iniciados, registros e anotações sobre o seu progresso se tornam disponíveis e seus resultados são depositados em arquivos de mídias” (AUSTIN, 2010 apud PADOVANI, MIRANDA e BARROS, 2019). E gravações de áudio e de vídeos possibilitam realizar registros de alta qualidade em trabalhos de campo nas comunidades onde a língua é falada diariamente, de acordo com Drude (2006, apud PADOVANI, MIRANDA e BARROS, 2019); também programas linguísticos – como *Transcriber*, *FieldWorks Language Explorer*, *The Language Archive*, entre outros – auxiliam na organização, na documentação e na análise dos dados linguísticos primários, como analisado por Padovani, Miranda e Barros (2019).

Tais elementos são fundamentais para o conhecimento científico das línguas espalhadas pelo mundo, uma vez que colaboram para a produção de publicações a respeito do assunto, além de contribuírem com a circulação e a conscientização da diversidade linguística e sua importância.

Desse modo, registros linguísticos se tornam cada vez mais acessíveis para as futuras gerações dos povos. Esses dados também tornam possível disponibilizar material para especialistas interessados em estudar uma língua e determinar tanto novas medidas preventivas para o seu não desaparecimento, quanto um concebível plano de revitalização, se porventura a língua estiver em risco de extinção. Assim, segundo Hinton (2001, apud PADOVANI, MIRANDA e BARROS, 2019):

A tarefa de revitalização das línguas ameaçadas de extinção consiste, de maneira geral, no desenvolvimento de ações que objetivam trazê-las, novamente, ao nível de utilização dentro de suas comunidades e que encontram, essencialmente na transmissão das línguas para as gerações futuras, chances reais para o não desaparecimento delas.

Logo, “o desenvolvimento dessas ações implica um processo minucioso de compreensão da função, dos usos, das relações entre as línguas e do que querem os falantes em relação à sua língua nativa para então formular estratégias voltadas à manutenção dos seus usos” (PADOVANI, MIRANDA e BARROS, 2019).



Outro aspecto que merece atenção na questão de revitalização linguística é o processo de ensino-aprendizagem, com o objetivo do não desaparecimento da língua, uma vez que o ensino contribui com grande parte do indivíduo e na formação de seus valores. Nesse contexto, as escolas aparecem como lugar para a valorização da diversidade linguística e cultural, segundo Cunha (2008, apud PADOVANI, MIRANDA e BARROS, 2019). É de extrema importância o incentivo da alfabetização em línguas minoritárias, pois de acordo com Padovani, Miranda e Barros (2019), “entre outros argumentos, fomenta o prestígio e a utilidade das línguas, despertando o interesse por elas nas gerações mais jovens”. Dessa maneira, o papel principal na revitalização de uma língua é dado aos seus falantes, visto que o processo depende de sua participação.

### **Considerações finais**

Línguas são fundamentais no desenvolvimento do ser humano como indivíduo e como grupo. Como procuramos apresentar, além de perpetuar tradição e conhecimento, a língua é o que nos permite a capacidade de trocar informações, de nos comunicarmos e de construirmos nossas relações sociais. A partir da linguagem uma visão de mundo única é moldada, isto é, ela é um meio excepcional de compreender a realidade e de expressá-la também. Reforçando a ideia da importância das línguas e da sua diversidade, foi exposto o fato de como a morte de uma delas é extremamente prejudicial para um povo, uma cultura; para o mundo.

O processo de extinção das línguas vem se alastrando, principalmente nas últimas décadas com as transformações ocorridas no mundo, como visto anteriormente; chega até os dias de hoje e se fortalece, as elevadas estatísticas provam a situação precária de muitas línguas. Desse modo, o problema é atual e crescente, porém ainda não se tem o reconhecimento suficiente de sua gravidade. Seja pelo sistema em que vivemos; seja pelo fato de muitas vezes ser tão gradual que se torna imperceptível; ou por ser intangível; ou pela desinformação das pessoas. De qualquer modo, o mundo não dá a devida atenção ao desenvolvimento da extinção de línguas.

Ao considerarmos a necessidade da existência da diversidade linguística, a importância que as línguas trazem em si e o avanço vigente do desaparecimento delas, é evidente que o mundo precisa ser alertado de tal circunstância, e de que intervenções no presente fenômeno são mais que necessárias. Assim sendo, analisando a efetividade e atuação das medidas contra o desenvolvimento dessa extinção, advindas dos diversos projetos de revitalização linguística existentes, foi observado que o dado desenvolvimento não é totalmente invencível e que há meios de refreá-lo. A necessidade de incentivo e de investimento no implemento de tais medidas torna-se cada vez mais significativa no quadro atual, posto que a extinção de línguas se torna cada vez mais intensa e precisa ser contida o mais breve possível, já que as tantas línguas guardam tanto de nós e para nós.

### **Referências Bibliográficas**

BRITO, Austria Rodrigues. **Obsolescência Das Línguas Indígenas E Políticas Linguísticas Para Vitalização**. Agenda social, v. 9, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://www.revistaagendasocial.com.br/index.php/agendasocial/article/download/254/127>>. Acesso em 11 mar. 2020.

**ETHNOLOGUE: languages of the world.** Disponível em: <<https://www.ethnologue.com>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

GIRAUD, Ana Cláudia Barbosa. **Globalização E Linguagem: Qual É O Lugar Da Língua Francesa No Mundo Globalizado?** Polifonia, Cuiabá, n. 31, p. 319-344, jan <[www.periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/viewFile/2172/2196](http://www.periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/viewFile/2172/2196)>. Acesso em: 11 mar. 2020.

GOMES, Simone Fonseca. **Línguas Em Extinção: Estudo De Um Patois Francoprovençal.** 2015. 115 f. Dissertação (Pós graduação em Estudos Linguísticos) – Fac. de Letras da UFMG. Disp. em: <[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-9VMNFK/1/texto\\_disserta\\_o\\_completo.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-9VMNFK/1/texto_disserta_o_completo.pdf)>. Acesso em: 09 mar. 2020.

GONÇALVES, Brenda Miriam Trevisani et al. **A Globalização E O Processo De Extinção De Línguas: Estudo De Caso Dos Povos Guarani Em Araquari/SC.** 2016. 26 f. Trabalho final (Projeto de iniciação científica integrado) – Campus Araquari, Instituto Federal Catarinense. Disp. em: <<http://quimica.arauari.ifc.edu.br/wp-content/uploads/sites/20/2018/12/TRABALHO-FINAL-A-GLOBALIZA%C3%87%C3%83O-E-O-PROCESSO-DE-EXTIN%C3%87%C3%83O-DE-L%C3%8DNGUAS-ESTUDO-DE-CASO-DOS-POVOS-GUARANI-EM-ARAQUARI-SC.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010: População Indígena É De 896,9 Mil, Tem 305 Etnias E Fala 274 Idiomas.** 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-poblacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia>> Acesso em: 09 jun. 2020.

LAUAND, Jean. **Revelando A Linguagem: 50 Estudos Na Revista Língua Portuguesa.** São Paulo: Factash Editora, 2016. 372 p. Disponível em: <[www2.fe.usp.br/~cemoroc/RevelandoaLingPort.pdf](http://www2.fe.usp.br/~cemoroc/RevelandoaLingPort.pdf)>. Acesso em: 29 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. **Escrever Um Artigo Científico – Ideias Para Iniciantes (Ou Não).** Convent International 30 (Convent International coepta 1) mai-ago 2019. Cemoroc-Feusp / IJI - Univ. do Porto / Colégio Luterano São Paulo. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/convent30/17-28jeanConf.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

PADOVANI, Bruna Fernanda S. de Lima; MIRANDA, Camille Cardoso; BARROS, Jeanne Barros de. **A importância da documentação e da descrição linguística para a revitalização de línguas ameaçadas.** Domínios de Lingu@gem, v. 13, n. 3, p. 900-926, out. 2019. Disp. em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiodelinguagem/article/view/42062/27302>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

PONSO, Letícia Cao. **Situação Minoritária, População Minorizada, Língua Menor: Uma Reflexão Sobre A Valoração Do Estatuto Das Línguas Na Situação De Contato Linguístico.** Gragoatá, Niterói, v.22, n. 42, p. 184-207, jan.-abr. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33468/19455>>. Acesso em: 09 maio. 2020.

SKUTNABB-KANGAS, Tove. **Direitos Humanos Linguísticos Na Educação Para A Manutenção Da Língua.** Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem, v. 05, n. 02, p. 25-39, 2019. Disp. em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/27660>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

Recebido para publicação em 11-10-20; aceito em 04-11-20